

CAMINHOS E DIÁLOGOS DO IMAGINÁRIO: RESENHA DO LIVRO “O IMAGINÁRIO DA CIDADE: VISÕES LITERÁRIAS DO URBANO”, DE SANDRA JATAHY PESAVENTO

Eduardo Roberto Jordão Knack¹

Durand (1984) indica que a cultura ocidental, durante séculos minimizou, ou desacreditou do poder da imagem e do imaginário como forças construtoras de conhecimento. A imagem e a imaginação não foram consideradas importantes para um caminho que busca a verdade, pois estariam sujeitas ao lado emotivo do ser humano, despertando devaneios, delírios, visões e fantasias, aspectos mais próximos do mundo dos sonhos, e não da razão. Mesmo com o desenvolvimento técnico constantemente produzindo novos meios de reprodução das imagens, a filosofia “demonstrou uma desconfiança iconoclasta (que ‘destrói’ as imagens ou, pelo menos, suspeita delas) endêmica.” (DURAND, 2001, p.7).

Por isso é importante ler e reler trabalhos que exploram os imaginários e a imaginação como problema, objeto de estudo e fonte de pesquisa na história e demais ciências humanas. Nesse sentido, os trabalhos de Sandra Jatahy Pesavento constituem leitura indispensável, pois adentram essa dimensão. A releitura da obra *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano* deve ser constante para os pesquisadores que se dedicam a explorar o imaginário e as cidades. Essa obra já foi resenhada por outros autores (PELEGRINI, 2004; PINHEIRO, 2010), recebeu menção em uma resenha de amplo escopo da obra da autora (PACHECO, 2009) e foi citada por uma série de trabalhos acadêmicos (artigos, monografias, dissertações, teses²) que se dedicam ao estudo do urbano, especialmente relacionados aos problemas da memória e do imaginário.

Tecidas tais considerações, é necessário destacar que a presente re-

1 Graduado e Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo; Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto da Unidade Acadêmica de História da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail para contato: knackeduardo@gmail.com

2 Alguns trabalhos de cunho monográfico que utilizam o livro *O imaginário da cidade*, entre outras obras de Pesavento: GONÇALVES, 2018; PERIN, 2017; KNACK, 2016; GRANSOTTO, 2016; MÜLLER, 2015. A partir de uma simples consulta em programas de pós-graduação do Rio Grande do Sul (buscando produções dos últimos cinco anos) foi possível constatar que a obra resenhada ainda constitui importante referência para os estudos do urbano e seus imaginários, citada e referenciada em teses e dissertações. Tal constatação atesta a importância desse trabalho e justifica a presente resenha, que busca tecer uma reflexão sobre o conceito de imaginário dialogando com Pesavento e outros autores.

senha não tem como objetivo principal uma descrição detalhada do livro, capítulo por capítulo, tarefa já realizada por outros autores, mas estabelecer um diálogo entre a concepção e os debates em torno do conceito imaginário na obra de Pesavento e com outros autores que constituem referências (e sinalizam diferentes perspectivas teóricas e metodológicas sobre o tema) para esses estudos. Estabelecer diálogo entre tais tendências não é tarefa fácil, e nem figura como o objetivo do livro em questão, mas a autora realiza considerável esforço de pesquisa ao articular diferentes perspectivas e ao se debruçar sobre diferentes fontes e representações que compõem os imaginários urbanos. Esse esforço merece um debate, especialmente para estimular futuros estudos sobre as cidades.

A obra de Pesavento pode estabelecer um diálogo com diferentes tendências de estudos sobre o imaginário. Entre elas é possível mencionar o trabalho de Baczko (1991, p.15), que observa a emergência do estado-nação como um movimento que necessitou de representações para sua construção/afirmação: “los movimientos políticos y sociales que acompañan a este nuevo espacio político necesitan de igual manera sus emblemas para representarse, visualizar su propia identidad, proyectarse tanto hacia el pasado como hacia el futuro.” Além das representações que dão corpo ao imaginário, como os hinos, imagens de heróis, datas comemorativas, entre outras, é a partir da imaginação que os grupos sociais constroem seu passado e projetam seu futuro.

“De esta manera, el imaginario social es una de las fuerzas reguladoras de la vida colectiva.” (BACZKO, 1991, p.28). É pelo imaginário que os grupos representam a si mesmos, consolidam suas imagens e legitima (ou deslegitimam) seu poder. Ao compartilhar imaginários, se constrói um verdadeiro vocabulário interpretativo conhecido pelos membros que estão inseridos/envolvidos nesse compartilhamento (sejam produtores ou receptores). Dessa forma o imaginário se torna uma ferramenta interpretativa das experiências dos sujeitos, afetando condutas, comportamentos e leituras de mundo, alimentando revisões do passado e expectativas de futuro.

Taylor (2010) observa o imaginário a partir dos modos como as pessoas imaginam sua existência social. Seu foco de pesquisa recai sobre como os ambientes sociais são imaginados, na sua partilha “por largos grupos de pessoas, se não por toda a sociedade”, e como isso possibilita compreensões e práticas comuns que conferem um sentido de legitimidade compartilhado. (TAYLOR, 2010, p.31). No Brasil, cabe menção ao trabalho de Carvalho (1990), que parte da mesma concepção de imaginário de Baczko e Taylor para abordar as batalhas travadas em torno do imaginário do novo regime republicano no país, “cuja finalidade era atingir o imaginário popular para

recriá-lo dentro dos valores republicanos.” (CARVALHO, 1990, p.10).

Esta concepção de imaginário social está próxima do pensamento de Castoriadis (1982), que elabora uma crítica ao que denominou como “visão funcionalista” para a análise do papel das instituições na sociedade. O imaginário é entendido como algo “inventado”, como “deslocamentos de sentidos”, onde “símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações normais ou canônicas.” (CASTORIADIS, 1982, p.154). Castoriadis abre espaço para o estudo das formas de legitimação, regulamentação e (re)invenções que os grupos criam para si mesmos.

Em outra dimensão está a tendência de estudos do imaginário inaugurada por Bachelard, que dá “à imaginação uma função criadora”, com “capacidade inventiva para criar a realidade.” (PESAVENTO, 1995, p.20). Nessa linha, a imaginação é vista como uma potência criadora que não está reduzida a percepção ou ao inconsciente, e o imaginário resulta de uma relação entre realidade e fantasia. Bachelard (2006) procura analisar as “imagens poéticas” dos devaneios (sonhos acordados) a partir de visões literárias. São esses devaneios conscientes que interessam ao filósofo. «Notemos, aliás, que um devaneio, diferentemente do sonho, não se conta. Para comunicá-lo, é preciso *escrevê-lo*, *escrevê-lo* com emoção, com gosto, revivendo-o melhor ao transcrevê-lo.” (BACHELARD, 2006, p.7). Portanto, as imagens, “visões literárias”, constituem a matéria prima dessa tendência de estudos do imaginário.

“Nossa intenção é trabalhar a cidade a partir de suas representações, mais especialmente as representações literárias construídas sobre a cidade.” (PESAVENTO, 2002, p.10). A autora atribui significativa importância as imagens literárias e a literatura como fonte para a história. No capítulo 1 inicia indicando a relação da origem das cidades com o mito através de descrições que chegam até nós por intermédio da escrita. Além disso, reconhece a necessidade de explorar múltiplas visões das urbes em diferentes áreas do conhecimento, bem como buscar diferentes fontes de pesquisa para explorar os imaginários urbanos. “Sendo a cidade, por excelência, o ‘lugar do homem’, ela se presta à multiplicidade de olhares entrecruzados que, de forma transdisciplinar, abordam o real na busca de cadeias de significados.” (PESAVENTO, 2002, p.9). Embora fonte primordial dessa obra, a literatura não é a única representação pesquisada pela autora.

As imagens trazidas pela arquitetura – ou pelo traçado da cidade, ou pela publicidade, pela fotografia, pelo cartaz, pelo selo, pela pintura, pelo desenho e pela caricatura – têm, pois, o potencial de remeter também, tal como a literatura, a um outro tempo. É o caso de um monumento que se edi-

fica no passado, mas que é pensado e sentido a partir do presente. O espaço urbano, na sua materialidade imagética, torna-se, assim, um dos suportes da memória social da cidade. (PESAVENTO, 2002, p.16).

Ao abrir o leque de possibilidades para os estudos do imaginário e observar sua relação com a memória, Pesavento abre o diálogo para outros caminhos de estudos. Baczko (1991), ao perceber o imaginário como um guia para interpretação das experiências individuais e coletivas, sujeito aos distúrbios do presente, também associa tal dimensão com a memória. Carvalho (1990), inspirado em Baczko para elaborar seu conceito de imaginário, busca em diferentes fontes as representações da nascente república brasileira, mapeando uma memória visual e histórica que marca o século XX no Brasil. Tais relações apontam para o diálogo de Pesavento com essa tendência de estudos do “imaginário social”.

Levando em consideração esse leque de possibilidades a autora procura esclarecer a constituição do imaginário de “cidade moderna”, desde fins do século XVIII até as primeiras décadas do XX, e Paris, a “capital do século XIX”, é o grande exemplar dessa imagem, do processo de transformação urbana legitimado por tal imaginário. No caso do Rio de Janeiro, tal imaginário exerce uma força sedutora, apresentando uma imagem de cidade desejada no mundo ocidental, ocorrendo uma “metamorfose do social, processo que implica a desterritorialização/historicização de ações e discursos que, ao se deslocarem no tempo e no espaço, assumem novos significados.” (PESAVENTO, 2002, p.24).

As representações de cidade moderna não são simplesmente transplantadas para o Brasil, são ressignificadas, constituindo um novo vocabulário que direciona a interpretação dessa modernidade e de suas experiências no país. Tal como Baczko (1991) e Taylor (2010), Pesavento também percebe o dinamismo do imaginário e seu papel crucial para a interpretação dos sujeitos sobre seu mundo e suas experiências. Porto Alegre também é analisada nesses termos, observando as percepções e imagens literárias em relação a essa “cidade moderna” que tem Paris como uma espécie de modelo consensual, no entanto, também se leva em considerações o papel que o Rio de Janeiro exerce no imaginário nacional em relação aos projetos de modernização urbana.

É possível perceber que Pesavento (2002), ao empregar visões literárias sobre a cidade se aproxima da tendência de estudos adotada por Bachelard, embora o filósofo estivesse voltado para pensar em uma fenomenologia das imagens poéticas, se detendo nas imagens em si, sem abordar sua relação com contextos históricos e sociais. Sua obra também pode ser

articulada com a tendência de Castoriadis (1982) e Baczko (1991) ao perceber o contexto social em que tais visões são produzidas, seu uso para legitimar planos e reformas urbanas e suas ressignificações, que são fruto das circulações e (re)apropriações de tais imagens.

O reconhecimento de certas imagens “elementares”, sem deixar de associar com os contextos históricos específicos de cada caso, abre as portas para um diálogo com Bachelard. A contraposição entre a imagem da “muralha” em Paris, equipamento urbano que foi abandonado, e praticamente destruído, com as reformas do século XIX, e a abertura dos “boulevards”, imagem significativa para a afirmação da “cidade-aberta”, constituem imagens essenciais que povoavam o imaginário urbano parisiense. Na obra de Pesavento essas imagens podem ser identificadas como “elementares”, importantes peças que compõem imaginários urbanos e foram apropriadas em outros contextos. Entre suas fontes para pesquisar as visões literárias do urbano, estão as narrativas sobre a cidade, as percepções de escritores sobre as ruas, habitações, transformações sociais e urbanas, que conferiam a Paris a imagem de “capital do mundo”, bem como de uma “cidade de contrastes” (diferenças sociais).

Paris figura como centro do imaginário social da modernidade, e escritores como Honoré de Balzac, Victor Hugo, Charles Baudelaire, Émile Zola, Guy de Maupassant entre outros, escrevem sobre as diferentes facetas da modernização – a renovação e sedução do boulevard, como novos hábitos e tipos sociais, vida noturna, e a cidade em vias de desaparecer que existia encerrada em muralhas. (PESAVENTO, 2002, p.68). Não são apenas as imagens da urbe que são exploradas, mas seus novos hábitos e habitantes, os comportamentos que estavam se transformando, isso por meio de “visões literárias”. Mas as “visões literárias” não são restritas as obras da literatura. Escritos do Barão Haussmann (responsável pelas transformações e modernização urbana de Paris), de caráter técnico, são considerados fontes para explorar imagens urbanas. Os planos e projetos urbanos revelam imagens das cidades que, concretizadas ou não, exercem significativa força na sociedade. Paris se torna uma espécie de “tipo ideal” para compreender como o processo de modernização afetou outras cidades ao longo do século XIX e XX.

Adotando a idéia do “mito de Paris” como referência emblemática para a compreensão da modernidade, temos a imagem da cidade como elemento de referência para a compreensão do todo. O traço paradigmático e metonímico dessa representação do mundo leva ao centro do que definiríamos como o “efeito do espelho”, que se realiza no Brasil,

particularmente após a reforma de Pereira Passos, no Rio de Janeiro. (PESAVENTO, 2002, p.159).

Assim, as visões literárias tornam-se também imagens essenciais para entender como o imaginário de uma cidade moderna foi gestado e empregado para legitimar transformações em outras urbes. No Brasil, o Rio de Janeiro é tomado como exemplo a partir da reforma Pereira Passos, que adota sentido similar ao projeto do Barão Haussmann em Paris. “Os trabalhos executados pelo prefeito do Sena causaram viva impressão no jovem Pereira Passos, quando de sua estada em Paris, a partir de 1857, completando seu aperfeiçoamento como engenheiro na famosa *École des Pints et Chaussés*.” (PESAVENTO, 2002, p.167). Diferente de Bachelard, que se debruça unicamente sobre as imagens literárias fruto de devaneios da imaginação, Pesavento busca o processo de circulação das representações que compõem os imaginários, atentando para os sujeitos, suas trajetórias e as (re)apropriações que ocorrem dentro de um contexto histórico.

A autora percebe, por exemplo, a relação entre a afirmação de uma identidade urbana no Rio, legitimada pelo imaginário de modernidade parisiense, a exclusão social e a negação do povo nessa construção. Enquanto as reformas urbanas despontam como exemplo do moderno, as favelas e cortiços aparecem como símbolo daquilo que deveria ser destruído, esquecido. “O conjunto das intervenções urbanísticas não se resumiu ao traçado da cidade, mas pretendeu penetrar fundo nas socialidades e valores do povo.” (PESAVENTO, 2002, p.176). Além da erradicação dos cortiços, houve tentativas de expulsar a população mais pobre do centro do Rio de Janeiro, demolindo habitações e proibindo hábitos e costumes populares. “Buscava-se eliminar da vista a pobreza, que por convicção da elite, era suja e perigosa.” (PESAVENTO, 2002, p.176).

A modernização da capital, de inspiração francesa, foi violenta e excludente. Partindo dessa consideração, Pesavento parte para a observação das visões literárias em crônicas da imprensa e obras de literatura, lendo autores como Lima Barreto. Em relação a Porto Alegre, a autora começa dissertando sobre as origens da cidade, relatando seus mitos, seu contexto histórico e as contradições sociais dessa urbe. Em meio ao século XIX, quando as representações do povo do sul ainda estavam assentadas no campo, no pampa (os vaqueiros, o gaúcho como “centauro dos pampas”), intelectuais urbanos começa a alinhar essas imagens com o mundo citadino a partir da noção da vitória dos homens, da civilização sobre a natureza. Mas apenas com o advento da República que projetos de renovação e urbanização encontram espaço na capital do Rio Grande do Sul. (PESAVENTO, 2002, p.262).

“Na proposta de progresso positivista, a cidade moderna configurava-se como uma das imagens simbólicas da modernidade almejada.” (PESAVENTO, 2002, p.263). Nesse contexto, Porto Alegre representava um desafio ao novo grupo político guindado ao poder após a Revolução Federalista. O crescimento populacional (mais de 30 mil habitantes entre 1890-1900) devido a imigração e atração de populações empobrecidas e escravos libertos, representou um desafio para os gestores. As aglomerações dos subúrbios, a produção de um Código de Posturas para construções, desestimular construção e uso de cortiços, obras de embelezamento e introdução da eletricidade, até a troca do nome de ruas estiveram entre as ações iniciais dos republicanos na cidade.

No plano das representações, a cidade-ideal dos gaúchos precisava encontrar formulações locais que estabelecessem um caminho em face de uma dupla mediação: por um lado, havia o modelo parisiense, conhecido da sua elite cultivada, reforçada pela matriz positivista e paradigma consagrado de modernidade urbana. Mas, por outro lado, os projetos da cidade-ideal iriam encontrar, nas primeiras décadas do século, dois exemplos americanos de que tal aventura era possível aqui, do outro lado do oceano: Rio de Janeiro e Buenos Aires. Cidades também inspiradas no modelo parisiense de modernidade, eram casos concretos da Latino-América que mediatizavam a influência externa e se constituíam em padrão de referência para Porto Alegre. (PESAVENTO, 2002, p.271).

Dessa forma, Pesavento observa como a influência de um imaginário parisiense de cidade moderna afetou duas cidades brasileira, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Cada uma dessas cidades guarda especificidades em termos de processo de urbanização e construção de imaginários, destacados pela autora a partir de minuciosa investigação em discursos e planos/propostas de reformas urbanas e nas páginas da literatura. Assim, Pesavento consegue articular duas tendências de estudos do imaginário, uma que busca a “essência” a partir de uma fenomenologia de imagens literárias, e outra que busca a função dos imaginários na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BACZKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales* memorias y esperanzas colectivas. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DURAND, Gilbert. Exploração do imaginário. In: PITTA, Danielle Perin. (org.). *O imaginário e a simbologia da passagem*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1984.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- GONÇALVES, Mariana Couto. “*Andei, sempre tendo o que ver e ainda não fora visto*”: a modernização urbana pelotense a partir de crônicas e fotografias (1912-1930). Tese (Doutorado em História). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2018.
- GRANSOTTO, Luciana Rodrigues. *Itinerário histórico-cultural dos becos de Porto Alegre no final do século XIX*. Dissertação (Mestrado Profissional Memória Social e Bens Culturais). Canoas: Centro Universitário La Salle, 2016.
- KNACK, Eduardo Roberto Jordão. *Passo Fundo e a construção do imaginário de capital do planalto: comemoração, memória, visualidade e políticas públicas*. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.
- MÜLLER, Alex Juarez. *Um espaço “entre” o urbano e o rural: representações visuais de São Leopoldo, Taquara e Novo Hamburgo (RS) 1889-1930*. Dissertação (Mestrado em História). Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2015.
- PACHECO, Ricardo de Aguiar. Uma resenha para Sandra Jatahy Pesavento. In: *Fênix*, v.6, n.2, 2009.
- PELEGRINI, Sandra de Cássia A. O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. In: *Diálogos*, v.8, n.1, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.15, n.29, 1995.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano* - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- PERIN, Henrique. *Roque Callage e os esquecidos d'A Cidade: a exclusão social em Porto Alegre através do olhar de um cronista (1925-1930)*. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017.
- PINHEIRO, Adson Rodrigo Silva. Resenha – O imaginário da cidade. Visões Literárias do urbano. In: *Embormal*, v.1, n.10, 2010.
- TAYLOR, Charles. *Imaginários sociais modernos*. Lisboa: Edições texto & grafia, 2010.